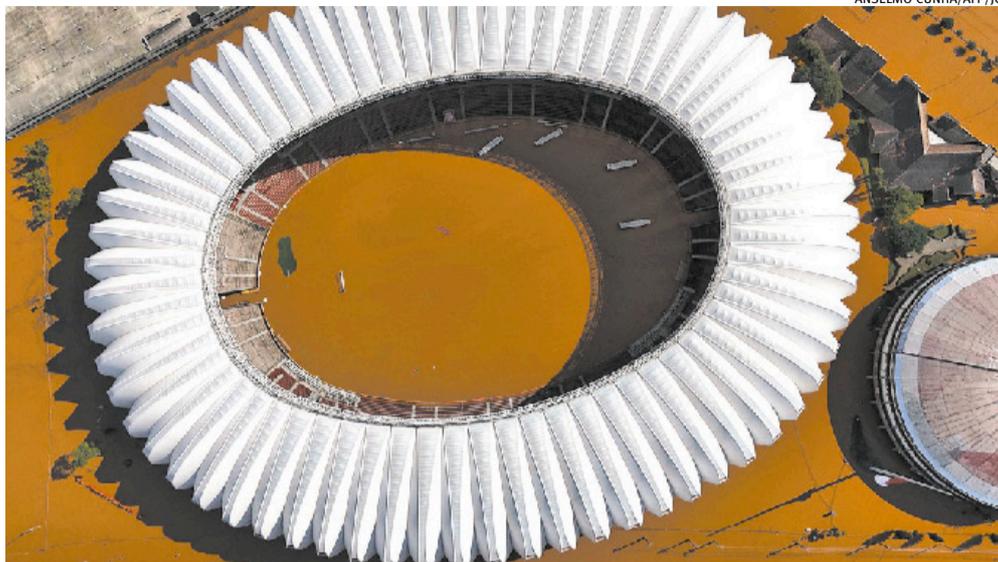
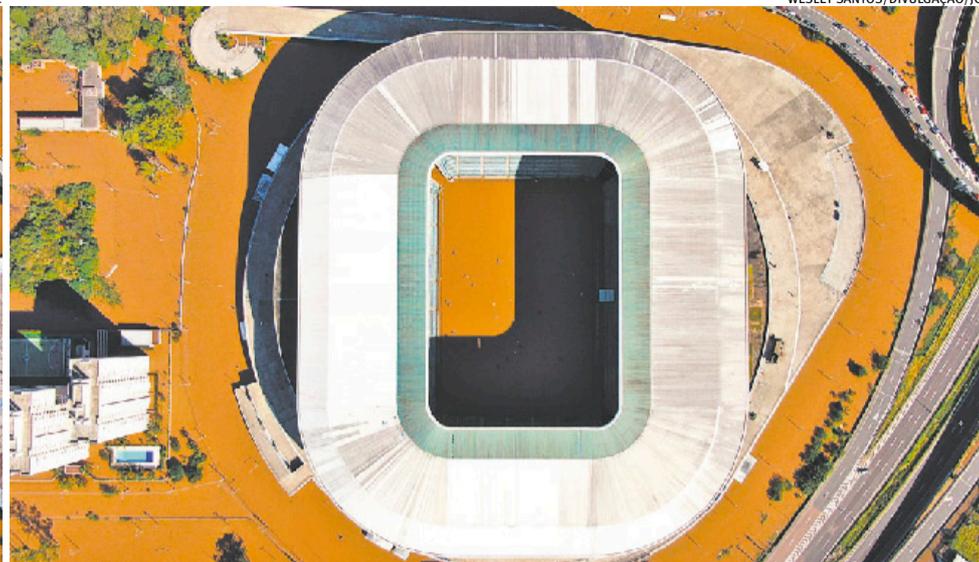


esportes



ANSELMO CUNHA/AFP/IC



WESLEY SANTOS/DIVULGAÇÃO/JC

Dois maiores estádios de Porto Alegre foram invadidos pela água em maio de 2024; bola parou de rolar por quase dois meses no Beira-Rio e mais de quatro meses na Arena

Dores da enchente perduram um ano depois

Sem poder contar com o Beira-Rio por 52 dias, Colorado percorreu mais de 17 mil quilômetros para manter seus jogos



Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

As dores da enchente de maio perduram e, com o tempo, se transformaram em cicatrizes para os gaúchos. E o futebol, que poderia ser aquela válvula de escape para o torcedor esquecer, há um ano, mesmo que por 90 minutos, do pesadelo da maior tragédia climática da história do Estado, também sucumbiu. Para o Inter, primeiro o CT Parque Gigante, invadido pelas águas do Guaíba, e depois o Beira-Rio.

Foram 52 dias longe de seu estádio e mais de 17 mil quilômetros percorridos para manter a bola rolando. A maior parte em outros estados, com outros palcos e a doída distância das massas, que pouco podiam ligar para a situação de seu time em uma largada estonteante de temporada após o Gaúcho, já que a água, muitas vezes, estava batendo à porta. Os danos foram tão grandes que a temporada pôde-se dizer comprometida.

Nos cofres, um impacto de R\$ 86,2 milhões entre a logística para levar o departamento de futebol Brasil afora, reconstruir o CT e o estádio. Deste valor, "R\$ 18,9 milhões foram recuperados por meio de negociações com a CBF e a seguradora do Beira-Rio, e do combate à inadimplência dos associados", informa o clube. No entanto, "é importante frisar que o Complexo Beira-Rio é segurado,

e o Parque Gigante não, porque é outra matrícula", ressalta o vice-presidente de patrimônio, Gabriel Nunes, sobre o desconto direto das finanças coloradas para recuperar o local, no valor de aproximadamente R\$ 4,5 milhões.

Já o Beira-Rio, apesar de atingido em menor escala, teve uma diferença crucial que dificultou a retomada. "No parque, a água veio do rio e parou no dique de contenção. No Beira-Rio, o alagamento, infelizmente, foi pela questão das bombas que não funcionaram. Essa água era mais poluída, porque veio dos bueiros", afirma o dirigente. A cheia atingiu todo o nível 1 do estádio, nas áreas administrativas, sala de imprensa, vestiários e parte do museu.

Nunes admite que "no Beira Rio o pessoal também não acreditou que seria alagado", o que impossibilitou a retirada de equi-

pamentos quando as casas de bombas cederam e a água invadiu. A limpeza, pela sujeira do esgoto, também foi dificultada, justificando os quase dois meses entre o empate com o Atlético-GO, no dia 28 de abril, e a derrota para o Vasco, no dia 7 de julho, longe de casa.

Diante deste cenário de alerta e uma memória vívida do que foi a catástrofe, um ano atrás, pouco se podia imaginar que o estrago seria tão grande. É raro um relato sem espanto sobre a magnitude do que se tornaram as cheias. E no Colorado, que tem o Parque Gigante situado à beira do Guaíba, o pensamento não foi diferente, destaca Nunes ao explicar o processo de reconstrução com as ressalvas que o futuro obriga. "Fizemos alguns ajustes no projeto, já pensando que, infelizmente, pode acontecer novamente. Até porque já havia acontecido em escalas menores",

relembra, em alusão as chuvas de setembro e novembro de 2023.

No entanto, reajustes como as janelas construídas acima do nível que a água pode chegar não são impeditivos a uma nova enchente por conta da proximidade com o lago, mas amenizam os danos e cumprem a meta da época: "nosso desafio era colocar o CT em dia para que pudéssemos retornar para casa. Importante parar de gastar e ficar próximo à torcida", conta o dirigente.

Questionado sobre o projeto do novo CT em Guaíba, Nunes relembra que o terreno também foi afetado. "Sabemos que é um investimento na casa de R\$ 100 milhões, para colocar lá o CT, principalmente com operação de base, o futebol feminino e mais o profissional". A garantia, entretanto, é que este não é um projeto a curto prazo e a operação, nos próximos anos, segue no Parque Gigante.

Mesmo com desavenças, Grêmio e Arena se uniram para reerguer o estádio

Rudá Neis
rudan@jcrs.com.br

Na madrugada do dia 3 de maio de 2024, a régua responsável por medir o nível do Lago Guaíba foi arrastada pela forte correnteza. Este marco para a Capital somou-se a outro inimaginável ocorrido: o CT Luiz Carvalho foi tomado pelas águas. E não demorou muito para a Arena do Grêmio também vir a ser inundada no dia 5, e iniciar o período de 23 dias que ficaria debaixo d'água. Um dia antes, o Tricolor já anunciou a paralisação das suas atividades por conta das cheias e mudava o foco do campo para o lado humano.

"A grande preocupação era

com o Estado. Tudo ficou de lado. Tem que se ter empatia com a vida das pessoas que foram atingidas. Não se pensava em futebol", relembra o presidente Alberto Guerra.

A volta dos treinos se deu no dia 17 de maio, no CT do Corinthians. Após este primeiro local, o Grêmio treinou em Curitiba e no Rio de Janeiro, retomando os treinos em Porto Alegre em 27 de junho. Guerra é categórico ao afirmar que o longo período longe da Capital foi determinante para a má atuação da equipe na temporada e enfatiza que os resquícios do período interferem ainda hoje no time. "O Grêmio foi o maior clube prejudicado dentro de campo por conta das enchentes. Não vou di-

zer que hoje não está tão bem só por causa disso, mas sem dúvidas, conta", acredita.

Ao todo, os prejuízos do clube em relação à logística, perda de sócio, manutenção dos CT's e receita, foi de aproximadamente R\$ 11 milhões. O custo de recuperação das sedes foi de R\$ 700 mil, tendo o seguro abatido R\$ 200 mil. Já em termos de logística, foi toda ela coberta pela CBF, em R\$ 7 milhões.

Em relação a Grêmio Mania, o Umbro ajudou com o adiamento da verba que foi destinada em R\$ 1,5 milhões para a reformulação da loja. Referente à Arena, o prejuízo financeiro não pôde ser divulgado por conta de cláusulas contratuais com a empresa Zürich, responsá-

vel pelo seguro. Porém o diretor-presidente, Mauro Araújo, adianta que se trata de cifras muito altas. "Arena se encontra 95% recuperada dos desastres sofridos a um ano", disse. Para atingir a totalidade, é preciso recuperar o auditório onde ocorria as coletivas de imprensa e realizar a instalação dos dois telões localizados nas extremidades Norte e Sul do estádio. O prazo para a liberação dos espaços é no próximo mês.

Outro problema que o clube precisava enfrentar era referente ao CT Hélio Dourado, localizado na cidade de Eldorado do Sul, município bastante afetado pelas inundações. O coordenador-geral das categorias de base, Francesco Barletta

falou sobre os prejuízos sofridos nas estruturas do CT. "Tivemos dificuldade nos campos que foram tomados pela água. Mas as áreas de alojamento e parte administrativa, não foram afetadas", relembrou.

Passados um ano do maior desastre ambiental da história do Rio Grande do Sul, as lembranças e o receio de algo parecido voltar a acontecer permeiam o pensamento de todo gaúcho. Alberto Guerra acredita que o clube estaria preparado para enfrentar uma eventual nova cheia. "Estruturalmente, diria que seríamos afetados igual, pois são obras que não dependem só do Grêmio. Mas, caso venha a acontecer, saberemos melhor como agir".